

QUARTO DE DESPEJO: A VIDA SOCIAL ORGANIZADA NA FAVELA, A PARTIR DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Nayara Silva de Noronha¹

Julia Catarine dos Santos Abreu²

André Luis Silva³

INTRODUÇÃO

A territorialidade está diretamente ligada à identidade da pessoa, caracterizando sua posição econômica na sociedade e pré-definida por sua escolaridade, trabalho e raça (Saraiva, 2019; Noronha, Silva & Barki, 2022). A favela, como uma herança da escravização e do higienismo dos cortiços, torna-se o lugar de moradia para aqueles que estão à margem da sociedade. Segundo Valladares (1989), a favela foi reconhecida como lócus de sujeira e doença, nas primeiras décadas do século XX. Não por acaso, era por meio da questão higienista que a favela era distinguida na cidade como espaço indesejado a ser combatido (Valladares, 1989), ainda que a expansão das favelas representasse, em boa medida, os locais de moradia das pessoas trabalhadoras oriundas do êxodo da população rural e interiorana pobre

¹ Doutora em Administração de Empresas (Fundação Getúlio Vargas, Brasil). Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/7404954599501725>. <https://orcid.org/0000-0001-7621-0459>. nayaranoronha@ufmg.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097317.

² Bacharela em Biblioteconomia (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). Extensionista Voluntária da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. <http://lattes.cnpq.br/7404954599501725>. Orcid não informado. juliacatarinee@gmail.com.

³ Doutor em Administração de Empresas (Fundação Getúlio Vargas, Brasil) Professor Associado da Universidade de São Paulo. <http://lattes.cnpq.br/1257050194773665>. <https://orcid.org/0000-0002-8081-9598>. andrelsilva@usp.br.



que veio para os grandes centros em razão do trabalho (Singer, 1987; Valladares, 1989; Lacerda & Brulon, 2013).

Com a intensificação da pobreza urbana, característica do processo de modernização vivido pelo Brasil, a partir das décadas intermediárias do Século XX, este espaço tornou-se o reduto das massas pobres, das pessoas trabalhadoras de baixa qualificação e das pessoas excluídas do sistema econômico (Brulon & Peci, 2019). Foi somente a partir dos anos 1950 que a favela passou a ser reconhecida como uma questão social, de modo que a dicotomia de oposição cidade-favela se tornou a máxima cidadina (Valladares, 1989).

Na ampliação da discussão sobre cidade-favela, a ideia de uma suposta “favela inventada” (Valladares, 2005), a qual olharia para esse espaço como um lugar sem complexidades, camadas sociais e históricas diversas. Por outro lado, a literatura negra contemporânea escrita após a metade do Século XX, desempenhou um papel fundamental na representação social daqueles que são marginalizados e excluídos, trazendo à tona a atualidade e presença de problemas estruturais, como os efeitos da escravização, que se perdura até os dias de hoje (Rocha, 2023).

A literatura escrita por pessoas negras e com personagens negras, dá ascensão ao movimento de afirmação de identidade da população negra, mostrando as multiplicidades e possibilidades da negritude no Brasil, colocando as pessoas e suas biografias ao centro da história. Escritoras negras contemporâneas como Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Cidinha da Silva e Carolina Maria de Jesus, desempenham um papel fundamental para compreensão das facetas dos campos físicos e mentais da mulher negra, inclusive dos espaços em que elas habitam.

Compreendendo a possibilidade de a literatura ser fonte de discussões de temas sensíveis, em especial no campo dos Estudos Organizacionais (Marquezzini, Guimarães & Menezes, 2021), a obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”

de Carolina Maria de Jesus registra como a literatura negra pode ser uma aliada nas representações múltiplas da favela. Esse livro nasce do gênero literário diário, cuja autora viveu na favela do Canindé em São Paulo de 1948 a 1960. A favela do Canindé surgiu em torno da zona sul paulistana com a finalidade de diminuir os custos de locomoção dos trabalhadores que cumpriam sua jornada na parte central da cidade. Em seu livro, Carolina Maria de Jesus conta com descrições espaciais e manifestações de seu pensamento, tornando-se possível visualizar o seu cotidiano na favela. Escrito em uma linguagem que não adere à norma padrão vigente, o texto que compõe os diários é um reflexo da vida de uma mulher negra do Século XX que teve baixa escolaridade, não chegando a completar os anos iniciais do ensino fundamental.

Seja como for, a forma de comunicação escrita de Carolina Maria de Jesus, não se mostra como uma barreira para uma aproximação da compreensão do cotidiano que esteve presente durante toda sua trajetória enquanto escritora e mulher periférica. Por sua escrita, Carolina Maria de Jesus nos aproxima de sua realidade, de modo que o seu dialeto de seus textos não se limita apenas a interpretações de vulnerabilidades sociais enfrentadas, mas também, da forma poética de se fazer escrita racializada na periferia. No entanto, como Perpétua (2003) nos lembra, a narrativa final do livro foi uma visão filtrada de Carolina Maria de Jesus, com a ajuda editorial de Audálio Dantas, a pessoa responsável pela edição e publicação da obra em 1960.

No prefácio do livro, Audálio conta que após a leitura dos cadernos, percebeu que era Carolina quem deveria contar aquela narrativa, “a história da favela que eu buscava estava escrita em uns 20 cadernos encardidos” (Jesus, 2019, p. 6). A publicação do livro causou grande movimentação no mercado editorial. A obra de Carolina foi traduzida para diversas línguas, chegando a vender mais de 50 mil cópias no primeiro ano de lançamento. Apesar da repercussão, Carolina sofreu revelias de diversos veículos de comunicação. O jornal *Correio Paulistano*, em setembro de 1960, publicou uma matéria no qual deslegitimava “Quarto de

despejo” como obra literária, apontando-a apenas como um sucesso de vendas em livrarias.

Carolina Maria de Jesus era a “testemunha da miséria dia após dia e seria capaz de torná-la objeto de uma narrativa sob um ângulo novo, o diário apresenta o modo de vida da população excluída socialmente” (Perpétua, 2003, p. 34). A tentativa de deslegitimação da obra de Carolina foi constante durante toda sua trajetória, enquanto escritora negra (Ayala, 1960 *apud* Stori, 2020)., Mas ao retratar em “Quarto de Despejo” a condição de mulher negra, moradora de favela dando sentido às suas próprias vivências na cidade de São Paulo, Carolina Maria de Jesus se consagrou como uma escritora do povo, cuja obra repercute ainda nos dias de hoje (Pinto & Rodrigues, 2020).

Carolina Maria de Jesus foi uma catadora de recicláveis, mãe solo de três filhos, que “ia à cidade” apenas para recolher esse tipo de material e vender ao final do dia para conseguir o sustento da família. “Ir à cidade” traz a ideia de que a favela não pertence à cidade (Noronha, 2017). Adiciona ainda uma leitura de discriminação de classe, raça e gênero nos espaços citadinos, como se fora favela fosse o lugar é cedido a Carolina Maria de Jesus apenas para o trabalho, desde que se passe despercebida pelas ruas da cidade.

Partindo dessa perspectiva, é possível compreender a vida social organizada cidade, a partir dos diferentes grupos urbanos que neste espaço convivem. Ipiranga e Saraiva (2021) propõe que, ao invés de pensar a organização social por parâmetros e métricas economicistas de produtividade, eficiência e eficácia, oriundas das diferentes práticas de grupos sociais, poderíamos olhar a organização social, a partir das múltiplas formas de existência em sociedade desses diferentes grupos. Deste modo, a noção de vida social organizada reconhece que os distintos grupos sociais contam com sujeitos capazes de entender e formular o seu próprio cotidiano, lidando com ele de forma prática, e organizando-se à luz de suas necessidades imediatas (Ipiranga & Saraiva, 2021).

Desse modo, a partir das vivências de uma mulher negra, pobre, moradora de favela, catadora de lixo recicláveis e escritora, este artigo tem o objetivo de analisar a vida social organizada na favela, a partir da obra “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus. Para que possamos caminhar nessa direção, a seguir, articulamos um debate sobre a cidade, a favela e a vida social organizada.

A CIDADE, A FAVELA E A VIDA SOCIAL ORGANIZADA

A organização social da vida cotidiana se dá em algum espaço. Seja no campo, na cidade, na casa, na praça, no comércio, seja na fala, na escrita, nas artes, a vida acontece, estritamente, em algum espaço. Este espaço é um produto social, no sentido lefebvriano, uma vez que é nas relações, formas e práticas que, em conjunto, produzem o que chamamos de espaço (Lefebvre, 1999).

Lefebvre (1999) defende que o “social” é inerente ao espaço, visto ser essa dimensão a reprodutora, produto e produtora das relações. Dito de outra forma, o “espaço (social) intervém no modo de produção, ao mesmo tempo, é efeito, causa e razão, ele muda com esse modo de produção” (Lefebvre, 1999, p. 6). Esse processo sugere, segundo Lefebvre (1999), a existência de uma noção de espaço dialético que realiza a reprodução das relações sociais de produção, ao mesmo tempo em que simultaneamente produz as relações sociais de produção, introduzindo nela múltiplas contradições. O espaço é inacabado, por ser continuamente produzido e isso está sempre ligado ao tempo (Lefebvre, 1991).

Na temporalidade da sociedade pós-industrial capitalista, a organização social da vida cotidiana foi centralizada nas cidades. Na soma das estruturas, dos processos e das relações sociais que continuamente materializaram na organização das cidades, a construção do espaço sob uma dinâmica contínua e inacabada (Dale; Burrell, 2008). No modelo econômico capitalista, as cidades também se tornam espaços voltados para geração de lucro e promovem a desigualdade social (Lefebvre, 1968). Nesse sentido, devido à complexidade da vida urbana, a cidade

se torna objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento, tais como Arquitetura e Urbanismo, Antropologia, Sociologia Urbana, Psicologia Social, Direito, Economia Urbana, Administração Pública e nos Estudos Organizacionais. Saraiva (2019) nos provoca colocando em pauta as contribuições dos Estudos Organizacionais para os estudos urbanos. Segundo Saraiva (2019), três temáticas são recorrentes na área: (i) territorialidade; (ii) sociabilidades, simbolismos e culturas; (iii) desigualdade social e segregação urbana. Todas essas temáticas consideram a cidade como espaço das “experiências vividas, como possibilidade de vivências, e como isso pode se materializar e ser problematizado de maneiras distintas” (Saraiva, 2019, p. 47). São tantas formas de se organizar a vida numa cidade quanto sua própria complexidade. Um dos recortes urbanos possíveis é olhar para a organização social da favela.

No Brasil, o surgimento dos espaços urbanos de favelas está historicamente atrelado à abolição da escravização dos negros, à decadência da produção cafeeira e ao desenvolvimento industrial do país. No Rio de Janeiro do Século XIX, então capital brasileira, a população pobre habitava cortiços e estes locais eram percebidos como lugares de contágio de doenças e vícios. Ao final daquele século, houve perseguição a essas moradias e, para Zaluar e Alvito (2006, p. 8), “pode-se dizer que as favelas surgiram em decorrência não intencional das tentativas dos republicanos e dos teóricos do embranquecimento para torná-la (a capital brasileira) uma cidade europeia”. A região do morro da Providência ficou conhecida como “morro da Favella” por ter sido ocupada com moradias provisórias por estes sujeitos despejados dos cortiços e dos ex-combatentes da Guerra de Canudos que regressando ao Rio de Janeiro foram habitar (Valladares, 2000).

O mesmo problema higiênico-sanitário que os cortiços representavam passou a ser, então, uma questão do espaço da favela como local indesejado à cidade. Zaluar e Altivo (2006) contam que, desde o início, a favela carioca era um duplo “problema”: sanitário e policial. O “morro da Favella” era percebido pelas autoridades como um “foco e desertores, ladrões e praças do Exército”. Os morros

da cidade eram habitados, no imaginário da população, pelas “classes perigosas”, tornando-se o refúgio de criminosos (Valladares, 1980; Zaluar & Altivo, 2006).

Ao longo do Século XX, a palavra favela difundiu-se para designar fenômenos urbanos parecidos com o “morro da Favella”. Assim, em todas as grandes cidades brasileiras, os espaços urbanos à margem social com características próximas foram considerados favelas. Para Zaluar e Alvito (2006, p. 8-9), a favela foi “registrada oficialmente como área de habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgotos, sem água, sem luz [...] o lugar da carência, da falta, do vazio a ser preenchido pelos sentimentos humanitários”. Além do “sem”, outra representação usual é a da favela homogênea. Naturaliza-se o uso do singular e a palavra favela passa a representar todos esses espaços como se fossem iguais e unitários, o que não condiz com a realidade. Para Valladares (2005, p. 21) “essa favela tão evidente é, de certo modo, uma favela inventada”. Quem nunca adentrou na favela acaba acreditando que é um espaço determinado somente pela pobreza e a violência, imagens tão reforçadas pela mídia brasileira.

Na cidade de São Paulo, a população pobre e trabalhadora não foi expulsa para os morros, mas, sim, para a periferia da cidade. O surto de crescimento de São Paulo, ocorrido no final do século XIX e a conseqüente expansão do mercado imobiliário não podiam permitir que a população pobre desvalorizasse os locais centrais da cidade. Assim, em 1886, foi proibida a instalação de cortiços na zona central e os pobres foram alocados na periferia (Rolnik, 1997). Teve, desse modo, início a geografia social de São Paulo: “uma linha imaginária que definiu os muros da cidade” (Rolnik, 1997, p. 48)”. O primeiro registro de favela em São Paulo data de 1935 e quatro outras foram registradas nos dois anos posteriores. Entre 1942 e 1949, existiam 16 favelas na cidade de São Paulo. Esse quantitativo de favelas, até então, não representava um problema para as elites e para a administração local, pois elas eram consideradas espaços urbanos provisórios. (Coelho, 2002). Contudo, com o aumento gradual do número de favelas, foi ficando cada vez mais difícil que a sociedade ignorasse a presença desses territórios urbanos. Foram

realizadas diversas tentativas estatais de acabar com estes espaços não pela perspectiva da assistência social e, sim, pelo incômodo urbano que as favelas causavam no restante da cidade (Valladares, 2000; Zaluar & Alvito, 2006). Após inúmeras tentativas sem sucesso de removê-las, feitas pelo Estado, políticas de urbanização da favela na cidade tiveram início na década de 1950 e, sobretudo, na de 1960 (Cardoso, 2007), o mesmo período que os diários de Carolina Maria de Jesus foram escritos.

A partir dos anos 2010, o campo dos Estudos Organizacionais também contribuiu para a literatura acerca deste espaço urbano artigos (Lacerda & Brulon, 2013; Ost & Fleury, 2013; Kosmala & Imas, 2016; Cabral, Fernandes & Teixeira, 2016; Brulon & Peci, 2019), sobretudo, a partir da realidade das favelas cariocas. Já Noronha (2017), ambienta sua pesquisa no contexto da Favela de Heliópolis na cidade de São Paulo, articulando o argumento de que podemos pensar a favela a partir da organização da diversidade presente na vida cotidiana de seus moradores. Sob essa perspectiva, a favela pode ser compreendida como um espaço social que se encontra, desde seu princípio, em trânsito, em um processo urbano contínuo de construção, desconstrução e reconstrução de si mesma e da própria cidade (Noronha, 2017). Há uma sobreposição de elementos urbanísticos, culturais, políticos, mercadológicos e de práticas cotidianas que parecem refletir no espaço que é, ao mesmo tempo, favela, comunidade, bairro e cidade. A favela se revela como uma multiplicidade (Noronha, 2017).

O conceito de vida social organizada, proposto por Saraiva (2020), corrobora com a perspectiva de multiplicidades na organização da favela e contribui para a compreensão das dinâmicas sociais que acontecem no espaço citadino de modo plural.

Vida social organizada se refere a como os distintos grupos sociais põem em prática a organização de suas múltiplas formas de existência em sociedade. Isso implica considerarmos as diversas concepções e práticas pelas quais esses grupos planejam, organizam, controlam, representam, ressignificam, resistem,

narram e preservam as suas histórias e memórias, levando a cabo dinâmicas plurais e constituídas em diversos sentidos (Saraiva, 2020, p. 2-3).

A vida social organizada coloca os grupos sociais como protagonistas das suas vivências, para que, a partir desses grupos possam emergir as prioridades de análise, respeitando suas diferenças e compreendendo os interesses que os movem. Saraiva (2021) declara que, a despeito das possíveis disfunções à luz das teorias administrativas, é por meio da subjetividade, das diferenças, dos propósitos e dos processos que será possível compreender a dinâmica social e plural da cidade. Isto porque, “a noção de vida social organizada reconhece que os distintos grupos sociais contam com sujeitos capazes de entender e formular o seu próprio cotidiano, lidando com ele de forma prática ao se organizar à luz de suas necessidades imediatas” (Saraiva, 2021, p. 2-3).

Em um espaço cujas pessoas estão ao centro dos processos de construção e significação do que o espaço é e pode vir a ser, a vida social organizada faz referência às “às formas pelas quais as pessoas põem em prática a sua organização, tendo como componentes: as pessoas, suas características, seus afetos, seus espaços, suas histórias, as formas pelas quais eles se organizam” (Saraiva, 2021, p. 3).

Neste artigo, partimos do pressuposto que a análise do diário de Carolina Maria de Jesus é uma alternativa poderosa para nos aproximarmos da compreensão da vida social organizada de uma mulher negra, mãe solo de três filhos, moradora da favela, catadora de lixo reciclável e escritora. Isto porque, é através da escrita que Carolina Maria de Jesus organiza suas vivências por meio da escrita literária, se transformando em uma expoente da literatura negra contemporânea, um símbolo de seu tempo e para além, conforme discutimos a seguir.

O CONTEMPORÂNEO, AS QUESTÕES SOCIAIS E A LITERATURA NEGRA

O nome de Carolina Maria de Jesus se destaca entre as escritoras mulheres negras de literatura brasileira contemporânea. Sua baixa escolaridade, não a impediu de ser escritora (Castro & Machado, 2007). Ao publicar “Quarto de Despejo”, encontramos um texto constituído por diários narrando o cotidiano de vulnerabilidades sociais de uma mulher negra. O caráter testemunhal dos escritos de Carolina Maria de Jesus foi recebido com sucesso pelo mercado editorial da época de 1960, haja vista o desconhecimento de grande parte da população sobre o espaço e a vida social organizada na favela. Sua escrita não parou por aí. Posteriormente, Carolina Maria de Jesus publicou mais três livros: Casa de Alvenaria (1961), Pedacos de Fome (1963), e Provérbios (1963). Em linhas gerais, suas obras retratavam as desigualdades sociais urbanas, principalmente, a pobreza. Não se furtou, contudo, em igualmente abordar outras questões sociais como as questões de gênero e de raça, as quais também são articuladas, mais adiante, neste artigo.

A literatura é capaz de agir como força humanizadora, disse Candido (2004), sugerindo que a literatura é uma forma das pessoas leitoras ordenarem seus mundos, elaborando os sentidos da compreensão de si e seus entornos. Isto requer considerar que, por meio da literatura, percebemos o mundo e a nós mesmos, exercitando a empatia em relação às pessoas leitoras, as quais se envolvem com as personagens sendo mediadas pelas experiências e sentimentos no texto narrados (Pamuk, 2010).

A literatura pode ser entendida como uma ferramenta que possibilita a apreensão do imaginário e das formas de sensibilidade de uma determinada época, de suas formas poéticas e das formas de organização social e cultural de uma realidade (Candido, 2004). Enquanto contextos circunscritos a um determinado tempo histórico, a produção, seja ela literária ou não, reflete a construção desta realidade, suas contradições e impasses (Candido, 2004). É neste ponto que a questão da

contemporaneidade se mostra, por si só, algo de difícil compreensão. O contemporâneo não coincide perfeitamente com o presente, no sentido que assimilar algo como contemporâneo prescinde uma espécie de deslocamento e anacronismo que apreende o tempo (Agamben, 2009). Ou seja, o contemporâneo é uma relação singular com o próprio tempo que adere a este em sua assimilação e, ao mesmo instante, se distancia dessa temporalidade (Agamben, 2009).

Este processo de imaginar inerente à literatura é, para Candido (2004, p. 175) um ato político, na medida em que “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas sociais”. Em sociedades desiguais, como o Brasil, o acesso à cultura se revela também como um marcador social da diferença que se intersecciona com as dimensões de classe, gênero e raça.

Embora no contexto histórico estadunidense, Davis (2016) discorre sobre como a luta das mulheres, especialmente as mulheres negras, foram moldadas pelo racismo, sexismo e opressão de classe. As experiências das mulheres negras e trabalhadoras foram muitas vezes ignoradas ou subordinadas às preocupações no próprio movimento feminista, em detrimento das questões concernentes às mulheres brancas e de classe média (Davis, 2016). Para a autora, a luta pela libertação das mulheres não pode ser separada da luta contra o racismo e a exploração econômica.

No mesmo sentido, Ribeiro (2018) coloca que o feminismo negro é indispensável para compreender e combater as desigualdades de gênero, raça e classe de maneira interseccional na realidade brasileira. Ribeiro (2018) argumenta que o feminismo só pode ser verdadeiramente inclusivo e eficaz se reconhecer e incorporar as perspectivas e vivências das mulheres negras. Daí a importância de dar voz e espaço para as mulheres negras contarem suas próprias histórias e liderarem suas lutas e a literatura negra tem sido esse espaço de protagonismo para as pessoas negras narrarem suas vivências outras fugindo do cânone

literário, tal como movimento suscitando quando da publicação de “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus.

Evaristo (2009, p. 17) conceitua essa literatura como “uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira”. A estes corpos, o recorte de gênero se sobressai, trazendo à tona a necessidade de se refletir sobre um feminismo negro (Bento, 2019). Neste caso, entendido como empoderamento das mulheres e multiplicidades das identidades femininas na luta coletiva de mudança de espaços e instituições, de modo a garantir a igualdade de gênero e raça, sem haver primazia de uma opressão sobre a outra (Ribeiro, 2018).

Esta interseccionalidade está presente na literatura feminina e negra que em, um processo de denúncia e tematização consciente e produtiva das questões da ordem das opressões interseccionais, constroem personagens igualmente negras, femininas, lésbicas, transexuais, mães, afro-religiosas, marginalizadas e silenciadas por suas condições ou escolhas, atribuindo-lhes centralidade e intensificando a amplificação dessas vozes e de suas representatividades (Bento, 2019). No limite, a literatura feminina e negra devolve a dignidade que fora despojada em diversas circunstâncias de suas experiências e vivências nos mais diferentes espaços (Evaristo, 2009). É um tipo de literatura cuidadosa e atenta, pois não confere às personagens perfeição, superioridade ou uma narrativa plenamente feliz. Mas lhes garante a composição de suas complexidades e possibilidades, algo que obras literárias menos comprometidas com a desconstrução de estereótipos nem sempre proporcionam (Bento, 2019).

Deste modo, a literatura negra escrita por mulheres se constitui de narrativas emancipatórias e de alteridades, que perpassam elementos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras (Silva, 2010). Oliveira e Wanderley (2022) questionam “pode o subalterno escrever?” ao

analisar a obra “Quarto de despejo” em uma perspectiva decolonial para os Estudos Organizacionais. “Há uma necessidade de reconhecer a resistência e a trajetória dessas mulheres negras que mudam a concepção estruturada dessa mulher considerada subalterna, que rompe padrões hegemônicos e passa a conquistar espaços antes impossíveis” (Oliveira & Wanderley, 2022, p. 270) como parecia ser o lugar da palavra escrita, da literatura.

No entanto, um elemento pouco discutido no trabalho de Oliveira e Wanderley (2022) é o papel da cidade enquanto elemento literário na obra “Quarto de Despejo” que nos permite olhar para as “representações sobre a imagem da cidade moderna, o imaginário social e a história cotidiana dos habitantes da urbe; lugar onde a vida social organizada se manifesta” (Pinto & Rodrigues, 2020, p. 71). Nesse sentido, propomos neste artigo o corpus de análise, a vida social organizada na favela vivida por Carolina Maria de Jesus.

DIÁRIO DE UMA FAVELADA: A PESQUISA NARRATIVA

Neste artigo, centralizamos o processo de análise sobre a obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, o qual fora escrito na cidade de São Paulo entre os anos de 1955 e 1960, e cuja sua 10ª edição foi produzida pela Editora Ática em 2019, edição está a qual nos referimos neste artigo.

Para situar os contornos epistemológicos que compõem este trabalho, partimos da concepção de espaço social de Lefebvre (1991), bem como a compreensão de literatura de Candido (2004) é produto da própria dimensão social. Autores de influências marxistas, neste artigo partimos da narrativa de Carolina Maria de Jesus para analisar, de modo, dialético as contradições produzidas tanto no espaço social em que ela vive, tanto na literatura. O conceito de vida social organizada dialoga com a produção do espaço social a partir dos tensionamentos das vivências e diferenças dos próprios grupos sociais.

Enquanto escopo metodológico, neste artigo, optamos por utilizar a pesquisa narrativa de abordagem qualitativa. Isto porque, essa abordagem prioriza a compreensão de um fenômeno, um processo, perspectivas e, principalmente, a visão de mundo das pessoas envolvidas (Merriam, 2002), de modo que cria condições mais favoráveis para serem analisadas as experiências vividas e narradas nos materiais analisados (Alencar, 1999).

É nesse sentido que a pesquisa narrativa é, de modo geral, qualquer estudo que se baseie na narrativa como unidade de análise (Lieblich, Tuval-Mashiach & Zilber, 1998). Como vivemos em uma sociedade cuja narrativa tem uma centralidade na organização social dos diferentes grupos (Saraiva, 2021), os grupos sociais disputam discursos que compõem, e passam a compor, a memória coletiva (Saraiva & Carrieri, 2012). Assim, à medida que mais e mais histórias pessoais são narradas, pontos em comuns em suas trajetórias individuais se encontram, formando uma rede de significados que só podem ser desvendadas em conjunto. Neste artigo, articulamos uma pesquisa narrativa do tipo autobiográfica, uma vez que a forma literária da obra é o diário íntimo da escritora, o qual remete às características da narrativa elementos de testemunho e memorialista (Sousa, 2011). Apesar de Stanfiel (1987) apontar que o tipo de narrativa autobiográfico pode ser problemático devido ao filtro da pessoa autora, a qual pode suprimir detalhes importantes da obra original, Sousa (2011) nos lembra que o gênero autobiográfico expõe as fraturas entre o real e o ficcional. Ou seja, a memória, em si, constrói narrativas misturando o vivido e o não vivido. “O que é real e o que é ficção?” (Sousa, 2011, p. 90), se torna algo borrado, no sentido de que na coexistência desse “duplo enfoque, percebemos como o eu reage ao mundo e como o mundo reage ao eu” (Sousa, 2011, p. 90).

Dentro das possibilidades apresentadas por Lieblich, Tuval-Mashiach e Zilber (1998) de análise de narrativa, este artigo foi desenvolvido por meio de leitura holística de conteúdo que permite uma análise que tanto a história como o conteúdo específico, são compreendidos em categorias amplas, fazendo com que

a narrativa individual expanda seu significado para o entendimento do coletivo. Sendo assim, para investigação de “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, foram analisadas questões de segregação socioespacial, gênero, raça e classe como elementos determinantes nas experiências relatadas no diário. Apesar da indissociabilidade da classe, raça e gênero como apontado por Davis (2016), foram selecionados alguns trechos do livro que destacam essas condições sociais. Por essa razão, optamos por organizar a articulação da análise por meio das dimensões analíticas: (i) segregação socioespacial (ii) classe; (iii) raça; e (iv) gênero. Ressaltamos ainda que os trechos selecionados foram transcritos na íntegra, mantendo-se fiel à linguagem utilizada por Carolina Maria de Jesus e, por isso, apresentará diferenças ortográficas da gramática normativa.

QUARTO DE DESPEJO: A VIDA SOCIAL ORGANIZADA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

“Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Trecho do dia 15/05/1958 – Jesus, 2019, p. 32). Essa é a capital paulista para Carolina Maria de Jesus, que se mudou para São Paulo em 1947 e não encontrou muitas oportunidades, fazendo-a adentrar no trabalho precarizado como catadora de materiais recicláveis. Sua sobrevivência cotidiana transitava entre as ruas da cidade, o seu endereço de moradia: a favela do Canindé na região central de São Paulo (Perpétua, 2003; Literafro, 2020).

A favela do Canindé, próximo do rio Tietê, teve um período curto de existência: 13 anos, entre 1948 e 1961. A favela foi originada por conta da canalização do rio Tietê que desalojou cerca de 100 famílias na Rua Antônio de Barros e realocou estas famílias em um terreno público (Barone, 2015). Na década de 1950, a favela era um fenômeno urbano em expansão nas grandes cidades e, durante a realização de uma matéria jornalística para expor as condições urbanas daquele lugar foi que as vidas de Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas se cruzaram.

De algum modo, a curiosidade pela favela inventada (Valadares, 2005), e pouco conhecida para as pessoas que não residem nesses espaços, dá pistas do porquê a primeira edição de “Quarto de Despejo” tenha tido uma vendagem recorde de trinta mil exemplares. Somada com a segunda e terceira edição do livro, um total de cem mil exemplares foram vendidos, além da tradução da obra para treze idiomas diferentes e a distribuição para mais de quarenta países (Jesus, 2019). Devido à repercussão de “Quarto de Despejo”, a favela do Canindé foi extinta em 1961 (Barone, 2015).

Na dimensão analítica de “segregação socioespacial”, são muitos os relatos de Carolina Maria de Jesus reforçando a ideia de favela como o espaço da ausência. Isto é, um espaço definido pela falta do que não seria, não conseguia ser, ou pelo que não teria (Observatório de Favelas, 2009). Carolina Maria de Jesus demonstrou seu desagrado com aquele espaço urbano em diversos momentos do texto

Cheguei na favela: eu não acho geito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. O barraco tanto no interior como no quintal estava sujo. E aquela desordem aborreceu-me. Fitei o quintal, o lixo podre exalava mau cheiro (Trecho do dia 31/05/58 – Jesus, 2019, p. 47).

Da necessidade de ir buscar água na lata, se revelaram reclamações como:

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com barro podre (Trecho do dia 19/05/58 – Jesus, 2019, p. 37).

Deixei o leito as 5 horas e fui carregar água. A fila já estava enorme (Trecho do dia 22/08/58 – Jesus, 2019, p. 115).

Dos hábitos cotidianos das pessoas moradoras da favela, Carolina Maria de Jesus diz:

Dia a dia a vida dos favelados piora com a fila de água” (Trecho do dia 19/08/58 – Jesus, 2019, p. 115).

Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os bate-fundo” (Trecho do dia 28/05/58 – Jesus, 2019, p. 45).

Já sobre a falta de perspectiva de mudança, relatava:

Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais (Trecho do dia 28/05/58 – Jesus, 2019, p. 45).

O tenente (...) disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidade de delinquir do que se tornar útil a pátria e ao país. Pensei: se ele sabe disso, por que não faz um relatório e envia para os políticos? (Trecho do dia 10/05/58 – Jesus, 2019, p. 29).

A segregação socioespacial nas cidades é um fator principal da estruturação da favela, como aponta Lefebvre (1968) em suas dimensões básicas: 1) a dimensão cultural da composição de espaços homogêneos socioeconômicos; 2) a valorização ou desvalorização dos lugares e dos indivíduos ou grupos; e, 3) problemas de sociabilidade. Essa segregação dificulta o acesso das pessoas moradoras da favela aos centros econômicos, o que impõem inúmeros impasses para que essas pessoas tenham suas necessidades básicas atendidas na condição de cidadãos e na forma de acesso às políticas sociais, tais como: trabalho, renda e espaços de lazer. Ou seja, políticas que afetam diretamente o direito à cidade (Noronha, Silva & Barki, 2022). Assim, os elementos da vida social organizada da Carolina Maria de Jesus, devido à segregação socioespacial, é a insatisfação de morar em um espaço urbano com tantas ausências: falta água, falta saneamento, falta perspectivas para os jovens e que só interessa ao Estado em épocas eleitorais.

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora (Trecho do dia 10/05/58 – Jesus, 2019, p. 29).

Dentre os elementos da vida social organizada de Carolina Maria de Jesus, a dimensão analítica “classe” está fortemente demarcada pela presença da fome e do trabalho precarizado como catadora de recicláveis. Ao relatar seu cotidiano, não há um dia sequer que não escreva sobre comida, ou melhor, a falta dela:

Só quem passa fome é que dá valor a comida (Trecho do dia 07/06/1958 – Jesus, 2019, 9. 53).

A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era reprise do espetáculo (Trecho do dia 15/05/1958 – Jesus, 2019, p. 32).

Como é horrível levantar de manhã e não ter o que comer. Pensei até em suicidar (Trecho do dia 24/07/1958 – Jesus, 2019, p. 99).

Carolina Maria de Jesus organizava seus dias em torno de conseguir dinheiro para ter o que comer por meio do trabalho como catadora de lixos recicláveis. Logo na primeira página, no relato do dia 15/07/1955, ela escreve:

o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (...) Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas o pobre não repousa. Não tem o prevelégio de gosar o descanso (Jesus, 2019, p. 11).

A ambição de Carolina Maria de Jesus também envolvida a busca por dar uma vida digna para seus filhos sonhando com o que ela chamou de conforto, o que podemos assimilar como uma referência a condições dignas de vida, como observamos no relato a seguir:

Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna (...) O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável (Trecho do dia 20/07/1955 – Jesus, 2019, p. 22).

O dinheiro recebido pelos recicláveis variava a cada dia, algumas vezes o insuficiente para a comida do dia. Disso, um estado de apreensão:

De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer (Trecho do dia 02/06/1958 – Jesus, 2019, p. 49).

Nos dias que encontrava muito papel pelas ruas e recebia pela venda, Carolina Maria de Jesus comprava a felicidade, no sentido de poder alimentar bem seus filhos, ter sabão para limpar a casa e as roupas, tendo ainda tempo para ler e escrever.

Eu já fiz almoço – hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e repolho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante. Lavei as roupas e o barracão. Agora vou ler e escrever (Trecho do dia 01/06/58 – Jesus, 2019, p. 49).

Carolina Maria de Jesus diz sentir ser alguém quando tem comida na mesa. Seus relatos foram escritos entre 1955 e 1958. Transladando para o ano 2020, a pesquisa “Olhe para a Fome”, realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa e Soberania de Segurança Alimentar e Nutricional, indicou que no último trimestre de 2020, 19 milhões de brasileiros passaram fome (Gaglioni, 2021). Mesmo com o Decreto 10.316/2020 que regulamentou o auxílio emergencial por conta da pandemia de covid-19, esse número piorou. Em 2022, o Segundo Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19, o Brasil apontou que 33,1 milhões de pessoas não tinha garantido o que comer – o

que representa 14 milhões de novos brasileiros em situação de fome (Agência Senado, 2022). Esses dados retornam o Brasil ao Mapa da Fome, do qual havia saído em 2005 (Gaglioni, 2021). E, sob esta mazela, voltamos a ver que os mais atingidos pela fome no Brasil foram principalmente moradores da favela e outras regiões periféricas brasileiras (Gaglioni, 2021). As filas em açougues para conseguir ossos para cozinhar materializou a cena do horror (Marcel & Betim, 2021). Infelizmente, episódios que resistem a desaparecer, visto que Carolina vivenciou essas situações diversas vezes enquanto moradora do Canindé:

Dêixei o lêito as 5 e 44. E fui carregar água. Não havia fila. Mandeí o João comprar 10 de pão e Fiz café. O João e o José Carlos saíram comigo. Fui no Frigorífico Incapre pegar os ossos. Depôis fui na Pedacha. Não ganhei porque já havia acabado. Depôis fui no deposito de ferro vender uns ferros. Ganhei 23. Passei na padaria guine a Dona Madalena deu-me bananas pão docê 15 paes docê. Pedações de queijo presunto, e salame. Fiquei contente. Achei um saco de fuba no lixo e trouxe para dar ao porco. Eu ja estou tao habituada com as latas de lixo que não sei passar por elas sem ver o que ha dentro (Trecho do dia 01/11/58 – Jesus, 2019).

Outro elemento da vida social organizada que aparece nos relatos de Carolina Maria de Jesus, é a pouca atuação do Estado para os mais pobres.

Os vizinhos ricos de alvenaria dizem que nós somos protegidos pelos políticos. É engano. Os políticos só aparece aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais (Trecho do dia 28/05/1958 – Jesus, 2019, p. 45).

A participação do Estado nos espaços de favela é um ponto de discussão recorrente, uma vez que é seu papel atender as demandas sociais dos moradores de modo a promover a cidadania naquele espaço urbano, por meio de políticas públicas (Ost & Fleury, 2013). Entretanto, o tempo de resposta do Estado é lento e incompleto. A presença de algumas organizações públicas, ao mesmo tempo em que organiza o espaço da favela, também o desorganiza, ao impor uma nova “ordem” que modifica os modos como as pessoas residentes estão acostumadas

a se organizarem (Brulon, 2015). Esse processo seria uma espécie de “maquiagem da favela”, quando não há modificações substanciais nas condições urbanas e sociais destes locais, embora haja alguma ação estatal que, apenas, administra a pobreza (Brulon, 2015).

As desigualdades de classe eram percebidas pela escritora pelos olhares daqueles que residiam em outros espaços da cidade. No trecho de 08/06/1958 ela relata:

Os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnancia. Percebo seus olhares de ódio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres (Jesus, 2019, p. 55).

Esta separação entre os vizinhos da cidade e os moradores da favela reforça a ideia homogeneizada de que a favela é a parte urbana indesejada e faz uma cisão nos espaços urbanos, como apresentado por Ventura (1994), em cidade partida. A segregação socioespacial faz parte do modelo econômico capitalista, onde os espaços se separam pela geração de lucro e promovem a desigualdade social (Lefebvre, 1968).

Quando vou na cidade tenho a impressão que estou no paraizo. Tão diferente da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da America do Sul está enferma. Com suas ulceras. As favelas (Trecho do dia 07/07/58 – Jesus, p. 85).

Relembramos que para Lefebvre, (1991) a cidade é um espaço social que produz e é produzido nas relações sociais. Por outro lado, Agier (2015) questiona a ideia de centro e margem, haja vista que o fazer-cidade é este movimento incessante de construção e desconstrução dos espaços. Nesse sentido, as favelas e demais territórios invadidos e ocupados se instalam na cidade, compondo igualmente a dinâmica urbana, o que torna processo urbano dialético.

Além disso, outros elementos complexificam a organização social das cidades como a questão de raça e gênero. Carolina Maria de Jesus é uma mulher negra e a cidade não é a mesma para todas as pessoas, é uma organização plural (Saraiva & Carrieri, 2012). Uma mulher não se sente segura ao caminhar nas ruas sozinha à noite. Um corpo negro não circula por qualquer parte da cidade sem olhares apreensivos.

Por mais que Carolina Maria de Jesus não tenha escrito teoricamente sobre o racismo, na dimensão analítica de “raça” trazemos trechos que demonstram como ela o percebia presente na cidade. Nos espaços fora da favela, essa percepção de acentuava:

(...) quando eu passava perto do campo do São Paulo, várias pessoas saíam do campo. Todas brancas, só um preto (Trecho do dia 17/07/55 – Jesus, 2019, p. 14).

Em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho. Havia um pretinho bonitinho. Ele ia vender ferro lá no Zinho. Ele era jovem (...) No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos dos seus pés abriram. (...) Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome (Trecho do dia 21/05/58 - Jesus, 2019, p. 39-40).

O estereótipo das pessoas negras e moradoras de favela como os marginais da cidade já existia no final da década de 1950:

Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto do lixo. Os homens desempregados substituíram os corvos (Trecho do dia 07/06/58 – Jesus, 2019, p. 54).

Chegou a Rádio Patrulha, que veio trazendo dois negrinhos que estavam vagando pela Estação da Luz. 4 e 6 anos. É fácil perceber que são da favela. São os mais maltrapilhos da cidade (Trecho do dia 27/05/58 – Jesus, p. 45).

O ambiente da favela, nos relatos de Carolina, não propiciava para a formação de caráter e, como grande parte dos moradores eram negros, reforçava a ideia do negro marginal:

O bandido insensato porque a sua idade não lhe permite conhecer o bom viver. Promessinha é da favela de Vila Prudente. Ele comprova o que eu digo: que as favelas não formam caráter. As favelas são os quartos de despejo (Trecho do dia 08/08/58 – Jesus, 2019, p. 107).

É interessante perceber que a própria Carolina Maria de Jesus reflete sobre a hegemonia branca nas relações de poder:

Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros e depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se (Trecho do dia 20/09/1958 – Jesus, 2019, p. 122).

Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz (Trecho do dia 13/05/1958 – Jesus, 2019, p. 30).

Esses trechos do diário são alguns exemplos de relatos presentes em “Quarto de Despejo” em que a escritora, ainda que de modo incipiente, alude ao racismo estrutural. Carolina Maria de Jesus percebe, no seu cotidiano, que na vida social organizada das pessoas negras, a discriminação em decorrência de uma estrutura de sociedade normaliza e concebe como verdade uma regra de supremacia racial (Almeida, 2019). Este racismo é um processo social, histórico e político que tem origem na escravização dos corpos negros pelo colonialismo (Davis, 2016; Almeida, 2019) e que se perpetua para fundamentar as desigualdades raciais e que é reforçado com a segregação socioespacial.

Ao racismo, soma-se a questão de gênero. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018) mostram que 54% da população brasileira é negra e os índices de pobreza demonstram que a situação socioeconômica de desigualdade social atinge, sobretudo, as mulheres negras. Na intersecção entre

gênero e raça, o feminismo negro afirma que não pode existir a separação destas opressões. Uma não se sobrepõe a outra. Acontecem juntas (Ribeiro, 2018).

Por tanto, na dimensão analítica “gênero”, fica nítido que Carolina Maria de Jesus sofria a opressão como mulher negra. Segundo Davis (2016) há uma naturalização das mulheres negras de baixa renda como fortes e heroínas o suficiente para criarem seus filhos sem a presença do pai. Davis (2016) relata que as famílias negras eram, historicamente, matriarcais. A relação entre mãe e filhos era forte, enquanto os laços com os homens eram frágeis, devido à necessidade de fugas e, após a abolição, a ausência de trabalho que os obrigavam a migrar para outras localidades. Com essas fugas elas consequentemente ao ficarem na senzala pagavam o preço por tal ato: maior frequência de violência física, sexual e psicológica por parte dos escravizadores (Davis, 2016). Após o fim da escravização, enquanto as mulheres brancas estavam em casa para os afazeres domésticos não remunerados que incluíam os cuidados da prole e consequentemente a presença física e financeira da figura masculina, as mulheres negras, como Carolina Maria de Jesus, já carregavam o peso do abandono e separação dos cônjuges, realizando desde sempre a jornada dupla de afazeres domésticos e trabalhistas. A ausência de uma figura masculina, surgiam investidas sexuais problemáticas:

Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele (Trecho do dia 27/07/58 – Jesus, 2019, p. 27)

Pairava uma suposta necessidade de se ter uma figura masculina em casa para ajudar nos afazeres cotidianos, conforme o trecho do diário de 08/11/1958:

“ – Deixa que eu ageito para a senhora.

Pensei: agora vai. Olhei o homem e achei ele bonito. Ele retirou o colchão de dentro do guarda-roupa e pois no carrinho. Depois pois o guarda-roupa em cima para não escorregar. Pegou a corda e amarrou. João ficou contente e disse:

– Graças ao homem! (...) Ele disse-me que quer casar-se comigo. Olho e penso: este homem não serve para mim (Jesus, 2019, p. 135-136).

Carolina foi capaz de perceber a violência doméstica que as mulheres a sua volta sofriam por parte de seus cônjuges:

A Sílvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele lhe está espancando (Trecho do dia 17/07/1955 – Jesus, 2019, p. 14).

O senhor Alexandre começou a bater em sua esposa (...) Ele dava pontapé nos filhos. Quando ele ia enforcar Dona Nena, a Dona Rosa pediu socorro (Trecho do dia 20/07/58 – Jesus, 2019, p. 96).

Note que a opressão de gênero retratada nestes trechos poderia ter sido sofrida também por uma mulher branca. Seria uma questão apenas patriarcal? Davis (2016) amplia esse questionamento nos chamando atenção para o fato que as mulheres negras passam a sofrer opressão de desigualdade de gênero, sobretudo, após o fim da escravização dos corpos negros. Apesar das violências sofridas pelas mulheres escravizadas, no cotidiano da senzala, homens e mulheres dividiam os afazeres por iguais e na vida doméstica não havia hierarquia entre eles. É claro que os corpos das mulheres escravizadas sofriam violências, como o abuso sexual. Porém, o estupro era mais do que uma arma de dominação dos homens brancos sobre os corpos femininos. Também tinha o objetivo de desmoralizar cônjuges negros que resistiam à escravização (Davis, 2016).

Foram as mulheres que transmitiram aos seus descendentes “um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual” (Davis, 2016, p. 41). Isso nos ajuda a compreender como Carolina Maria de Jesus, em meio a tantas dificuldades, foi fiel a si mesma e aos seus filhos, gerando um incômodo na vizinhança, como retratado no trecho do dia 18/07/1955:

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz que elas. Elas tem marido (...) E elas, tem que mendigar e ainda apanhar (...) Não casei e não estou descontente (Jesus, 2019, p. 16-17).

Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos e não gosta de ficar em casa (...) Suporto o peso do saco na cabeça e da Vera Eunice nos braços (...) preciso ser tolerante com meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar (Jesus, 2019, p. 22 – Trecho do dia 20/07/1955).

Somado ao gênero, a negritude de Carolina Maria de Jesus incomodava aos outros até mesmo em âmbitos estritamente pessoais de sua vida, como na leitura e escrita:

Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você (Trecho do dia 23/07/1955 - Jesus, 2019, p. 26).

Está escrevendo, negra fedida! (Trecho do dia 24/07/1955 – Jesus, p. 27).

É como se houvesse incompatibilidade entre uma mulher negra e o gosto pela leitura e escrita. Segundo Davis (2016), o racismo também se estrutura no mito de que inferioridade intelectual da população negra, enquanto na verdade, por anos, lhes foram proibidos o acesso à educação. O mesmo se aplica na educação feminina. As mulheres só tiveram o direito de estudar no Brasil a partir de 1827, e ainda assim, uma educação limitada, baseada na crença patriarcal de que as mulheres não precisavam ter acesso ao conhecimento para desempenhar o papel de esposa, mãe e dona de casa (Ribeiro, 2000).

Carolina Maria de Jesus estudou por dois anos no colégio Allan Kardec, em 1923, na cidade de Sacramento, Minas Gerais. Este colégio aceitava crianças pobres que eram mantidas por pessoas influentes da sociedade, neste caso, pela Senhora Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalhava como

lavadeira (Castro; Machado, 2007). Dona Cota, como era conhecida sua mãe, desejava que a filha tivesse acesso à educação.

Eu não tenho nada que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar seu sonho. Mas ela formou meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos (Trecho do dia 01/06/58 – Jesus, 2019, p. 48-49).

Foi na palavra escrita que Carolina Maria de Jesus encontrava forças para superar as contingências da vida. Para Candido (2004, p. 179), “a organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo”. Os diários revelam mais do que o pensamento individual de uma pessoa, eles são testemunhos de outra história, dos costumes íntimos de um lugar e de uma geração (Acioli, 2021). Se não os diários, partes da história da humanidade e da memória seriam esquecidas. Ao escrever seu cotidiano nos diários, Carolina Maria de Jesus não só dava seu testemunho, como também organizava um modo de ver e estar no mundo.

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que reside num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (Trecho do dia 12/06/58 – Jesus, 2019, p. 58).

Após a boa recepção do público e da imprensa aos escritos de Carolina Maria de Jesus, o mercado editorial perdeu o interesse em suas obras. De acordo com Coronel (2014), as dimensões literária e testemunhal estão fundidas na obra “Quarto de Despejo”, mas a individualidade da voz e a inventividade da escrita de Carolina Maria de Jesus, lhe foi negada, com a recusa da dimensão simbólica à criação literária de sua produção. A subalterna pode escrever (Oliveira; Wanderley,

2022), no entanto, haverá resistência por parte da elite, como demonstra a matéria escrita *Jornal do Brasil* alegava que

O que há no diário de Carolina Maria de Jesus é uma vivência conscientemente expressa e uma composição estranhíssima que inclui um tom purista em certas frases, uma sintaxe primitiva em outras, uma demonstração de quase analfabetismo em alguns momentos e mesmo um torneio barroco de vez em quando aflorando com palavras preciosas até arcaísmo (Ayala, 1960, p. 7 *apud* Stori, 2020, p. 90).

Com a extinção da favela do Canindé, as pessoas residentes foram realocadas para um conjunto habitacional no bairro do Jabaquara, na cidade de São Paulo. A memória da Canindé foi perdida com o progresso da cidade contribuindo para o apagamento de Carolina como uma escritora à margem da sociedade e dando a entender que favela, educação e literatura não se misturam. Ela faleceu em 13 de fevereiro de 1977, em um pequeno sítio na periferia de São Paulo, sob a condição de pobreza outra vez (Castro & Machado, 2007; Literafro, 2020). No entanto, a literatura produzida por Carolina Maria de Jesus foi um marco na literatura contemporânea, abrindo caminhos para outras escritoras negras, bem como de outros grupos minoritários, assumissem o protagonismo de suas narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar a vida social organizada na favela, a partir da obra “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus. Nessa narrativa, os relatos do diário de Carolina mostram que a segregação socioespacial da favela é um dos elementos determinantes da vida social organizada dela. Por meio de metáforas, Carolina Maria de Jesus descreve os outros espaços da cidade como lugares bonitos, enquanto à favela seria a realocação da pobreza, o quarto de despejo de São Paulo. Especificada na condição de classe de uma mulher pobre, Carolina organizava seus dias em torno de conseguir dinheiro com o trabalho precarizado de catadora de recicláveis para se alimentar e alimentar sua família. A

fome é uma espécie de protagonista do livro. A pobreza, esta que atinge sobretudo a população negra que é estigmatizada como marginais, é evidenciada na obra de Carolina também pela camada do racismo presente no cotidiano. O racismo é um elemento presente na vida social organizada das pessoas negras moradoras de favela. A vida na favela também é organizada por meio da violência doméstica, principalmente contra mulheres. Ao perceber tal condição, Carolina se mantém fiel à escolha de não se casar, contrariando o papel social esperado da mulher.

No entanto, também fica ressaltado que a vida social de Carolina Maria de Jesus foi organizada por meio da palavra, na contramão do que se espera de uma mulher pobre, negra, moradora de favela. Ler e escrever, mesmo com pouco estudo, foi uma forma de organizar a sua vida em diários, na ordem cronológica e dar sentido às suas vivências. Carolina Maria de Jesus não só deu informações concretas do cotidiano das favelas, como também expôs seus sentimentos em relação a tantas dificuldades enfrentadas. Carolina apresentou sua subjetividade. O fez, enquanto escritora. Escrever foi uma forma de ter esperança por dias melhores e manter a memória viva, bem como uma de transformação da própria realidade social.

Dado esse entendimento sobre a análise da vida social organizada de Carolina Maria de Jesus, por meio de sua obra "Quarto de Despejo", este artigo contribui para a aproximação dos Estudos Organizacionais com os Estudos Urbanos. Isto porque, este artigo aponta que os elementos da vida social organizada, reforçam os estereótipos da favela inventada (Valladares, 2005). Mais de 60 anos se passaram desde a primeira edição de "Quarto de Despejo" foi publicado, e apesar das mudanças impostas pelo tempo na produção do espaço da favela, como o fato da própria favela do Canindé não existir mais, a vida social organizada desse espaço está interseccionalizada pela raça e gênero de sua população.

A ainda baixa atuação do Estado, a falta de oportunidades de emprego formal para a população jovem, o trabalho informal precarizado em larga escala e a ameaça da fome, persistem como marcadas por um espaço social que se constrói sob

mudanças e permanências. Ao analisar a memória de uma moradora de favela negra, é possível identificar quais os elementos de segregação socioespacial ainda se repetem para organizar a vida social da favela em torno de suas potencialidades (Noronha, 2017). É, nesse sentido, que escoamos no entendimento da favela enquanto um espaço urbano em contínuo processo de construção, desconstrução e reconstrução de si mesma e da própria cidade. Ou como Agier (2015) nomeia de um movimento ininterrupto que é o fazer-cidade. Dessas articulações, este artigo também contribui para os Estudos Organizacionais ao analisar a favela como um espaço social a partir das subjetividades, das diferenças, dos propósitos e dos processos da vida social organizada de Carolina Maria de Jesus.

A literatura abriga muitas vias de diálogo com os Estudos Organizacionais (Ipiranga & Saraiva, 2021). A literatura dá protagonismo a vivências e sociabilidades esquecidas por outras formas de discursos como é o caso da literatura negra. Como dizem Ipiranga e Saraiva (2021, p. 605) “isso permite que por meio da ficção e da narrativa ela se torne uma fonte de informações sobre o mundo à nossa volta, levantando e questionando diversos aspectos do cotidiano em geral e das organizações”. Ou seja, este artigo demarca sua contribuição para uma maior aproximação dos Estudos Organizacionais com a Literatura, ao assumir a narrativa em primeira pessoa do diário de uma mulher negra como fonte de questionamento. Sobretudo, como fonte para se pensar a segregação socioespacial nas cidades, fator determinante da vida social organizada. A escrita de Carolina Maria de Jesus é uma forma de resistência à hegemonia organizacional de “quem pode escrever”. Este artigo reverência esta potência, ao mesmo tempo que endossa o não esquecimento sobre a presença dessa hegemonia.

Cabe ressaltar que neste artigo, apenas o livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” foi analisado. Novas pesquisas podem expandir o escopo e trabalhar com o conjunto da obra da escritora que segue o caráter testemunhal e de denúncias sociais. Seguindo o recorte de raça e gênero, outras obras literárias podem contribuir para a compreensão do fazer-cidade pelas vivências pelo corpo

de mulheres negras, como por exemplo, o trabalho de Furtado e Saraiva (2023) que propuseram a escrivivência de Conceição Evaristo como método de análise para os Estudos Organizacionais. No mesmo sentido, a literatura LGBTI+, ainda pouco estudada, pode ser fontes de futuras pesquisas que contribua para a compreensão da multiplicidade de narrativas que escrevem a vida social organizada.

A história de Carolina Maria de Jesus é a história de tantas outras mulheres brasileiras. O Quarto de Despejo é mais do que o espaço da favela e da periferia, é a mentalidade de uma sociedade insiste em reproduzir os espaços sociais organizados em torno da segregação socioespacial, do racismo, do sexismo, e da desigualdade social. A literatura e o conhecimento acadêmico podem ser formas de resistência. Resistiremos!

REFERÊNCIAS

Acioli, Socorro (2021). O hábito de escrever diários. Recuperado em 13 julho, 2024 de: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/opiniaocolumnistas/socorro-acioli/o-habito-de-escrever-diaros-1.3083692>.

Agamben, Giorgio (2009). *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos.

Agência Senado (2022). *Insegurança alimentar e Covid-19 no Brasil*. Recuperado em 13 julho, 2024 de: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2022/10/14/olheestados-diagramacao-v4-r01-1-14-09-2022.pdf>

Agier, Michel (2015). Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, 21(3), 483-498.

Alencar, Edgard (1999). *Introdução à metodologia de pesquisa social*. Lavras: UFLA.

Almeida, Silvio (2019). *Racismo Estrutural*. São Paulo: Jandaíra.

Barcelos, Caco (2006). *Abusado: o dono do morro da Dona Marta*. Rio de Janeiro: Record.

Barone, Ana C. C. (2015). Carolina Maria de Jesus, uma trajetória urbana. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*, Belo Horizonte, Brasil, 16.

Bento, Oluwa S. S. (2019). E foi então que eu me entendi mulher: o olhar negro-feminino sobre a opressão interseccional de gênero, raça e sexualidade. *Revista Crioula*, 24, 156-166.

Boo, Katherine (2012). *Em busca de um final feliz*. Ribeirão Preto: Novo Conceito.

Brulon, Vanessa (2015). *(Des) organizando o espaço social de favelas: o campo burocrático do Estado em ação no contexto da "pacificação"*. 2015. Tese de doutorado, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Brasil.

Brulon, Vanessa & Peci, Alketa (2019). Entre consensos e discordâncias: estratégias de legitimação no campo burocrático do Estado em ação nas favelas. *Cadernos EBAPE.BR*, 17(3), 474-494.

Cabral, André D., Fernandes, Felipe A. P., Teixeira, Sonia M. F. (2016). Um conto de duas providências: dinâmicas do mercado em uma favela "pacificada". *Anais do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Costa do Sauípe, Brasil, 40.

Candido, Antonio (2004). *O direito à literatura*. In Antonio Candido. *Vários escritos* (pp. 171-193). São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul.

Cardoso, Adauto L. (2012). Avanços e desafios na experiência brasileira de urbanização de favelas. *Cadernos Metrópole*, 17, 219-240.

Castro, Eliana M. & Machado, Marília N. M. (2007). *Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: C / Arte.

Coronel, Luciana P. (2014). A censura ao direito de sonhar em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 44, 271-288.

Dale, Karen & Burrell, Gibson (2008) *The spaces of organisation and the organisation of space: power, identity & materiality at work*. New York: University of Leicester.

Davis, Angela (2016). *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo.

Davis, Mike (2006). *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo.

Evaristo, Conceição (2009). Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, 13(25), 17-31.

Ferréz (2016). *Capão Pecado*. São Paulo: Tusquest.

Fischer, Tânia, Davel, Eduardo, Vergara, Sylvia, & Ghadiri, Philip. D. (2007). Razão e sensibilidade no ensino de administração: a literatura como recurso estético. *Revista de Administração Pública*, 41(5), 935-956.

Gaglioni, Cesar (2021). *A fome que atinge 19 milhões de brasileiros na pandemia*. Recuperado em 13 julho, 2024 de: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/04/06/A-fome-que-atinge-19-milh%C3%B5es-de-brasileiros-na-pandemia>

Glenny, Misha (2015). *O dono do morro: um homem e a batalha pelo Rio*. São Paulo: Companhia das Letras.

Globo (2020). *Em 2020 mercado editorial viveu boom de autores negros*. Recuperado em 13 julho, 2024 de: <https://oglobo.globo.com/cultura/em-2020-mercado-editorial-viveu-boom-de-autores-negros-mas-ainda-falta-diversificar-cadeia-de-producao-do-livro-24811565>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. (2018). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro. Recuperado em 13 julho, 2024 de: <https://censo2010.ibge.gov.br/>

Ipiranga, Ana S. R. & Saraiva, Luiz Alex S. (2021). Literatura e estudos organizacionais em prosa, verso, drama e ficção. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 20(4), 602-620.

Jesus, Carolina M. (2019). *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (10a ed). São Paulo: Ática.

Kosmala, Katarzyna & Imas, Miguel (2016). *Organizing culture in Rio de Janeiro's slums – the dynamics of precarious spaces*. London: Intellect Press.

Lacerda, Daniel & Brulon, Vanessa (2013). Política das UPPs e espaços organizacionais precários - uma análise de discurso. *Revista de Administração de Empresas*, 53(2), 130-141.

Lefebvre, Henri (1999). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG.

Lefebvre, Henri (1996). *Le langage et la société*. Paris: Gallimard.

Lefebvre, Henri (1991). *The production of space*. Oxford: Blackwell.

Lieblich, Amia, Tuyalmashiach, Rivka, & Zilber, Tamar. (1998). *Narrative research: reading, analysis and interpretation*. Thousand Oaks: Sage.

Literafro (2020). Carolina Maria de Jesus. Recuperado em 13 julho, 2024 de: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>

Lins, Paulo (2012). *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia de Letras.

Marcel, R. & Betim, F. (2021). *Ossos de boi, arroz e feijão quebrado formam cardápio de um Brasil que empobrece*. Recuperado em 13 julho, 2024 de: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-25/arroz-quebrado-bandinha-de-feijao-e-ossos-de-boi-vaio-para-o-prato-de-um-brasil-que-empobrece.html>

Marquezini, Hellen C. A., Guimarães, Ludmila V. M., & Menezes, Flávia P. D. (2021). A discriminação racial (des) mascarada: Análise discursiva do romance *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 20(4), 621-647.

Mastella, Adriano S. & Godoi, Christiane K. (2017). O pós-modernismo na literatura e nos estudos organizacionais: manifestações e características. *Revista Gestão & Sociedade*, 46(17): 80-102.

Meirelles, Renato & Athayde, Celso (2014). *Um país chamado favela*. São Paulo: Gente.

Merriam, Sharan B. (2002). *Qualitative research in practice: examples for discussion and analysis*. San Francisco: Jossey-Bass.

Noronha, Nayara S. (2017). Multiplicidade das favelas. *Tese de doutorado*. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, Brasil.

Noronha, Nayara S., Silva, André L. & Barki, Edgard. (2022). The socialspatial organization of favela. *Cities*, 126, 103649.

Observatório das Favelas (2009). O que é favela, afinal? In Jailson S. Silva (Org). *O que é favela, afinal?* Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

Oliveira, Carolina & Wanderley, Sergio P. V. (2022). Subalterno pode escrever! Uma contribuição decolonial e interseccional na obra de Carolina Maria de Jesus para os estudos organizacionais. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 21(2), 242-274.

Ost, Sabrina & Fleury, Sonia (2013). O mercado sobe o morro. A cidadania desce? Estudo sobre os efeitos da pacificação no Santa Marta. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, 56(3), 635-671.

Pamuk, Orhan (2010). *O romancista ingênuo e o sentimental*. São Paulo: Companhia das Letras.

Perpétua, Elzira (2003). Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 22, 63-83.

Pinto, Fabiane L. B. (2013). Administração política brasileira: novos objetos e novas abordagens: uma aproximação ao pensamento de Jorge Amado. *Dissertação de mestrado*, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

Pinto, Fabiane L. B. & Domingues, Fabiana F. (2020). Urbe, vida social organizada e literatura: algumas reflexões. In Luiz Alex S. Saraiva & Ana S. R. Ipiranga (Orgs.). *História, práticas sociais e gestão das/nas cidades* (pp. 70-101). Ituiutaba: Barlavento.

Pinto, Fabiane L. B. & Ribeiro, Elizabeth M. (2018). História, literatura e estudos organizacionais: novos olhares sobre as obras de Jorge Amado. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(12), 198-267.

Ribeiro, Djamila (2018). *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras.

Ribeiro, Arilda I. M. (2000). Mulheres Educadas na Colônia. In Eliane M. T. Lopes, Luciano M. Faria Filho, & Cynthia G. Veiga (Orgs.). *500 Anos de Educação no Brasil* (2a ed) (pp. 79-94). Belo Horizonte: Autêntica.

Rigo, Ariádne S. (2012). O que as crônicas de Machado de Assis nos contam sobre a Administração Política? *Revista Brasileira de Administração Política*, 5(2), 65-82.

Rocha, Mariana M. (2023). Pacto narcísico da branquitude e história da educação: o silêncio sobre os negros nas narrativas de constituição da USP. *Caminhos da Educação: Diálogos Culturas e Diversidades*, 5(3), 1-20.

Saraiva, Luiz Alex S. (2020). Diferenças e territorialidades na cidade como ponto de partida. In Luiz Alex S. Saraiva & Ana S. R. Ipiranga (Orgs.). *História, práticas sociais e gestão das/nas cidades* (pp. 1-20). Ituiutaba: Barlavento.

Saraiva, Luiz Alex S. (2019). Os estudos organizacionais e as cidades. In Luiz Alex S. & Enoque, Alessandro G. (Orgs.). *Cidades e estudos organizacionais: um debate necessário* (pp. 21-73). Ituiutaba: Barlavento.

Saraiva, Luiz Alex S. (2007). Métodos narrativos de pesquisa: uma aproximação. *Gestão.Org*, 5(2), 119-134.

Saraiva, Luiz Alex S. & Carrieri, Alexandre P. (2012). Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. *Revista de Administração Pública*, 46(2), 547-576.

Schollhamer, Karl E. (2009). *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Schmid, Christian (2012). A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: a direção a uma dialética tridimensional. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, 32, 89-109.

Silvia, Ana R. S. (2010). A Literatura de escritoras negras: uma voz (des)silenciadora e emancipatória. *Interdisciplinar*, 5(10), 175-188.

Singer, Paul I. (1987). *Capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica*. São Paulo: Moderna.

Sousa, Germana H. P. (2011). Memória, autobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida. In Hermenegildo Bastos & Adriana de F. B. Araújo (Orgs.). *Teoria e prática da crítica literária dialética* (pp. 86-108). Brasília, UnB.

Souza, Vanessa P. (2012). Heliópolis (São Paulo): as intervenções públicas e as transformações na forma urbana da favela (1970-2011). *Dissertação de mestrado*, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.

Stori, Jessica B. (2020). “Quando infiltrei na literatura eu não previa o pranto”: a memória e a escrita de Carolina Maria de Jesus. *Dissertação de mestrado*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.

Valladares, Licia P. (2005). *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*.
Rio de Janeiro: FGV.

Ventura, Zuenir (1994). *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras.

Zaluar, Alba & Alvito, Marcos (2006). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV.

QUARTO DE DESPEJO: A VIDA SOCIAL ORGANIZADA NA FAVELA, A PARTIR DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar a vida social organizada na favela, a partir da obra “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus. A partir do método de análise de narrativas, foi possível compreender as vivências de uma mulher negra, pobre, com baixa escolaridade, moradora de favela na cidade de São Paulo, na década de 1950. A partir de seu diário foi possível refletir sobre os modos de organizar das grandes cidades brasileira, com o recorte de classe, raça e gênero. Como argumento central, articulamos que, ao longo do processo de urbanização no Brasil, a cidade é o espaço da materialização social da desigualdade, cujas minorias políticas, como tantas Carolinas de Jesus, são as pessoas que mais padecem em suas vivências urbanas. Sem a pretensão de esgotar as discussões sobre a temática, este artigo aponta caminhos de aproximação dos Estudos Organizacionais, os Estudos Urbanos e a Literatura.

Palavras-chave

Estudos urbanos. Favela. Vida social organizada. Literatura negra. Carolina Maria de Jesus.

QUARTO DE DESPEJO: LA VIDA SOCIAL ORGANIZADA EN LA FAVELA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la vida social organizada en la favela, a partir del libro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus. Con base en el método de análisis narrativo, fue posible comprender las experiencias de una mujer negra, pobre, con baja educación, que vivía en una favela en la ciudad de São Paulo, en la década de 1950. Fue posible reflexionar sobre las formas de organización de las grandes ciudades brasileñas, con perspectiva de clase, raza y género. Como argumento central, articulamos que, a lo largo del proceso de urbanización en Brasil, la ciudad es el espacio de materialización social de la desigualdad, cuyas minorías políticas, como tantas Carolinas de Jesús, son las personas que más sufren en sus experiencias urbanas. Sin pretender agotar las discusiones sobre el tema, este artículo apunta formas de abordar los Estudios Organizacionales, los Estudios Urbanos y la Literatura.

Palabras clave

Estudios urbanos. Favela. Vida social organizada. Literatura negra. Carolina Maria de Jesus.

QUARTO DE DESPEJO: THE ORGANIZED SOCIAL LIFE IN THE FAVELA, FROM CAROLINA MARIA DE JESUS

Abstract

This article aims to analyze organized social life in the favela, based on the book “Quarto de Despejo” by Carolina Maria de Jesus. Based on the narrative analysis method, it was possible to understand the experiences of a black woman, poor, with low education, living in a favela in the city of São Paulo, in the 1950s. For her wrote diary it was possible to reflect about the organization modes of the big Brazilian cities, with the class, race and gender focus. As a central argument, we articulate that, throughout the urbanization process in Brazil, the city is the space for the social materialization of inequality, whose political minorities, like so many Carolinas de Jesus, are the people who suffer most in their urban experiences. Without intending to exhaust the discussions on the subject, this article points out ways of approaching Organizational Studies, Urban Studies and Literature.

Keywords

Urban studies. Favela. Organized social life. Black literature. Carolina Maria de Jesus.

CONTRIBUIÇÃO

Nayara Silva de Noronha

A autora declara ter tipo contribuição principal nas etapas de financiamento, concepção, coleta de dados e contribuição equânime nas etapas de teorização e conclusão desta contribuição.

Julia Catarine dos Santos Abreu

A autora declara ter tipo contribuição secundária nas etapas de financiamento, concepção, coleta de dados e contribuição equânime nas etapas de teorização e conclusão desta contribuição.

André Luis Silva

O autor declara ter tipo contribuição secundária nas etapas de financiamento, concepção, coleta de dados e contribuição equânime nas etapas de teorização e conclusão desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

Es autores declaram não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Es autores declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

-

COMO CITAR

Noronha, Nayara S., Abreu, Julia C. S., & Silva, André L. (2024). Quarto de despejo: a vida social organizada na favela, a partir de Carolina Maria de Jesus. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(32), 1005-1048.